



Leopard

José Reginaldo Rogério Alexandre
Técnico de manutenção e quadrilheiro

Entre conversas por cotovelos, o Zé cangaceiro, que é fruto do meio, brinca solto na loucura de ser

Equipe de Produção:
Brenda Albuquerque
Frida Popp

Entrevistadores:
Átala Souza
Brenda Albuquerque
Daniel de Rezende
Erick Bruno
Frida Popp
João Gabriel
Mylena Gadelha
Rosiane de Melo
Tais Barros

Texto de abertura:
Rosiane de Melo

Fotografia:
Nathanael Filgueiras

Não tem cidade grande, asfalto quente, rotina desgraçada que faça José Reginaldo Rogério Alexandre esquecer o sertão. Foi de Banabuiú e Itapajé, cidades natais dos pais, que herdou o apreço pelo sertanejo, os gestos humildes, os sorrisos gratuitos e a fala curiosa. Marcador de uma das mais tradicionais quadrilhas cearenses, a Zé Testinha, Reginaldo Rogério escolhe o passado para enxergar-se. Dá-se por inteiro, fruto do meio que é, um viajante no tempo que parte sem bagagem e volta sempre cheio de boas histórias para contar.

O "testinha" dos tempos de escola gosta de brincar de sonhar grande com os pés batendo no chão. Epa! Nos passos da dança que a vida lhe trouxe, cresceu inquieto. Treze anos e já no mundo. Um pouco de tudo já fez. Quem sabe algum dia inventem uma profissão que não teve. Cuidou de gente, de eletricidade, rodou por aí carregando dois, três empregos nas costas. Que nem Jesus com a cruz, quem se atreve a comparar? Mas reclamar pra quê? Ninguém vive só de quadrilha.

Quadrilha é mecanismo, é paixão, é entrega, mas também orgulho e missão do "Zé", o marmanjo de mil contos e conversas por trás do ser humano que se orgulha de ser nordestino. O pai vaqueiro e artesão, senhor de artes e poesia, o apresentou no lirismo das palavras, na arcaica saudosista loucura de ser. Reginaldo transborda e contagia, como chuva na terra rachada. Penetra, enche de vida, traz de volta a esperança esquecida.

Sujeito radicalmente tradicional, é na figura do cangaceiro que ele encontra inspiração para o traço jeitoso e único de sua Zé Testinha. Modernismo é falso brilho. Ganhadora de mais de 800 prêmios, a quadrilha é também família que faz questão

de educar, cuidar, e, já não era sem tempo, brincar. Colocou chapéu, lenço, túnica, sem esquecer a cara de cabra macho... Virgulino que se cuide, que lá vem a Zé Testinha. Eita!

E lá de longe, ouviam-se os versos: "Olha pro céu, meu amor"... Não é pena, é idiossincrasia que Reginaldo não tenha tempo de olhar para cima. Os amores de carne cultiva no peito, mas, se preciso, deixa tudo pela quadrilha. Vende carro, vende casa, larga mulher pela quadrilha. Arrependimento é um dos cabeludos pecados que não comete. E ai de quem vier criticar! É doido, doido varrido e assumido, fala mais pelos cotovelos que pela boca. E loucos não são os melhores amigos?

Entretanto, sem a família não seria Reginaldo, não existiria Zé Testinha. Todos juntos no passo do companheirismo, uns cortam, outros bordam, daqui a pouco se jogam na unidade de ser irmão, irmã, filhos e netos.

É no pensamento positivo que acredita. Lê mão, medita. Vai em frente. Aceita a vitória quando ela vem, de mansinho, abrir mais um dos frouxos sorrisos dele. Reconhece a derrota quando lhe bate à porta e deixa que ela o ensine a fazer diferente. Não precisa de arrumação nem frenesi. Uma volta e meia e já é ano novo, dia de ensaiar os próximos passos.

Se a vida fosse festa de São João, Reginaldo seria Rei do Baião. Cidadão do mundo, não pede muito, apenas luta para preservar a cultura do Nordeste, os valores de outros tempos, a herança de antepassados que carregaram na pele e na voz a virtude de ser quem se é. Sem amarras, sem mistura, sem esquecimento. Reginaldo segue brincante no mundo, vivendo com um pé no passado, outro no presente e a vista sempre no futuro.



Entrevista com Reginaldo Rogério, dia 17 de dezembro de 2015.

Brenda – Bom, Reginaldo, na pré-entrevista, uma das coisas que você falou pra mim e pra Frida é que uma das suas grandes alegrias era ir pro sertão durante as férias. Você é de Fortaleza, mas passava boa parte das férias no sertão. O que é que o sertão tinha de tão bom que a cidade não tinha?

Reginaldo – Ainda tem, viu? Eu vejo assim: devido você viver num mundo de corre-corre de carro, sendo adulto ou criança, você nota a diferença. O silêncio, a tranquilidade. Sem falar das pessoas. As pessoas (*no sertão*) são mais sinceras e mais prestativas do que na cidade. Hoje não mudou nada, é do mesmo jeito. Você chega lá, as pessoas lhe dão atenção, os moradores próximos até se arrumam pra fazer uma visita. “Chegou *fulano*”, isso existe ainda no sertão, pelo menos na área onde eu passei parte da minha infância. E outra é a natureza, você tem um leque de coisas: animais, o ar, banho de rio, é tanta coisa, que não tem nem comparação com a cidade. A cidade é só estresse hoje em dia. Essa palavra antes não existia não, mas hoje todo mundo conhece e fala, todo mundo já sabe o que é. Antes ninguém sabia o que era estresse, ninguém falava.

Existe essa riqueza da natureza, a riqueza de animal, a riqueza de procurar um outro animal perdido no campo, no pasto, no meio dos matos, escutar um choçalho, de onde vem, pra você se localizar... É muito interessante, porque tem toda uma história, toda uma riqueza, do próprio sertão, do ambiente.

Frida – E você nunca pensou em morar lá não? Depois de crescer?

Reginaldo – Pensei... Lá tem de ter uma fonte de riqueza. Fonte de renda, na realidade. O sonho é quando eu me aposentar. Quando eu me aposentar, não quero nem saber, vou morrer tranquilo. Eu só estou esperando eu me aposentar pra ir pro sertão, não tem nem pra onde correr não. Porque eu acho que a cidade é muito boa, mas não tem comparação com o sertão, não. A riqueza é muito grande, é muita tranquilidade!

Hoje trocaram os cavalos pelas motos, mas ainda tem um pouco de essência do sertão. Mas é como se diz: é projeto, mas não é só meu, não. Um *bocado* (o mesmo que “muito”) de irmão também já tem esse projeto, de dizer: “Não, a gente vai pra lá, vamos pra lá fazer alguma coisa produtiva.” Porque,

às vezes, a gente é cheio de ideias, mas, quando vai pôr em prática, não é tanto como a gente idealiza. Mas já tem um *bocado* de coisas que já dá pro cara viver lá. Só é ruim que a televisão entrou, quando entra a televisão bagunça tudo. Quando você vê, o cara tá com a camisa amarrada aqui (*faz gesto com as mãos pela cintura*) querendo ser da *Malhação* (*Novela para adolescentes da Rede Globo*) (*risos*), essas coisas, e vai pra outra cultura diferente. Isso é ruim. É como se diz: o bom é a inocência. Depois que perde, já não presta. E você deixa de ser novidade.

Brenda – Da sua infância no sertão, dos momentos em que você passou por lá, que momentos foram mais marcantes para você, que ficam na memória até hoje?

Reginaldo – Olha, eu assisti um casamento que o noivo não podia ficar de joelho, porque tinha um ferimento aqui (*aponta para o joelho*), uma *pereba*. A gente chama de *pereba* mesmo, no sertão é *pereba*. Ele tinha uma *pereba* no joelho, não podia se ajoelhar e ficava de cócoras, passou o casamento assim.

Eu vi outro casamento, o cara comendo farinha com rapadura, com medo. Às vezes as pessoas pensam que é mentira, mas foi verdade. Tinha um casamento assim e a gente só faltava morrer de achar graça. E sem contar os leilões, as festas que tinham.

Por exemplo, hoje em dia você tem um *freezer*, você enche de cerveja e nem se preocupa com isso. Já no sertão, um dia antes, eles vão pra beira do rio, cavam um buraco lá, jogam as cervejas dentro e jogam areia por cima pra poder congelar. As pessoas que vêm pra festa, não vêm na hora da festa, vêm um dia antes, porque moram longe. Existe toda uma série de coisas interessantes que ficam memorizadas, entendeu? Aqui você vê uma festa, vê um monte de carro parado, ou então, um monte de moto. Não, (*lá*) era animal, mais ou menos um *estirão* (*fila*) de uns 50 animais, tudo amarradinho, colado um no outro... Organizavam um estacionamento de animal.

A companhia de vaqueiro correndo atrás de boi, derrubando o animal. Tem muita coisa na memória, que na cidade você não vê...

Brenda – Depois de terminar o colégio, o senhor foi fazer curso profissionalizante em técnico elétrico. Por que esse curso, Reginaldo, já tinha alguma aptidão?

Reginaldo mora em um pedacinho de sertão no meio de Fortaleza. Enquanto fazíamos a entrevista, morcegos sobrevoavam nossas cabeças, cachorros vinham pedir carinho e, vez por outra, ouvia-se, ao fundo, um galo cantando.

Durante a entrevista a dupla de produtores fica responsável por controlar o tempo. Por isso, às vezes, Brenda e Frida se olhavam e gesticulavam querendo dizer algo. Reginaldo percebeu e pareceu não gostar: “Depois vocês conversam, viu?” – disparou.

A entrevista de Reginaldo foi realizada em dezembro, época de muitas atividades para todos nós. Mylena, cansada da correria e sem conseguir se controlar, deu uma leve "pescada" durante a entrevista.



Reginaldo – “Você é fruto do meio”, esse é o ditado mais certo do mundo. Às vezes, as pessoas dizem: “Ah, meu filho vai ser um doutor”. Ele pode ser um doutor, mas, se ele não for vocacionado, ele não vai ser um bom médico. E a tendência dele é ir pro que ele realmente gosta. Eu não sei se é porque, quando eu era criança, as pessoas estavam trabalhando fazendo as instalações elétricas da cidade de Fortaleza, (*porque*) algumas ruas não tinham (*eletricidade*). Eu vim morar aqui e não tinha. Eu era criança e ficava ali, esperando um pedaço de fio cair pra mexer com o pedaço de fio. Eu acho que aquilo ali fez com que eu ficasse vocacionado à parte de eletricidade.

Acho que também eu sou meio influenciado pelo meu pai, porque ele é escultor. Ele tem um dom artístico, e quer queira, quer não, nas profissões que eu exerço, eu tenho alguma coisa dele. Puxa pelos detalhes, usa muito a memória. Quando você fala de quadro de comando, não é qualquer pessoa que sabe mexer em quadro de comando. Tem de ter a inteligência, tem de ter o raciocínio, tem de ter o estudo, entendeu?

Eu sou muito cheio de detalhe, é tanto que eu acho que faço quadrilha porque é muito cheio de detalhe. Se você olhar minha quadrilha, ela é cheia de detalhe. Eu acho que eu recebi a influência do meu pai E (*ênfatizando*) do meio. Eu era criança e via os caras subindo lá, mexendo nos fios e achava engraçado aquilo ali.

Frida – Reginaldo, você terminou o curso e contou pra gente que passou por várias empresas. Assim que se formou você foi tra-

balhar aonde?

Reginaldo – Na realidade, um dia eu estava jogando bola neste quintal aqui, eu tinha uns 16 anos, mais ou menos, e passou o patrão do meu pai. Chegou assim: “Reginaldo, vem cá”. Fui até ele e (*ele*) disse assim: “Rapaz, quantos anos você tem?” “Eu tenho 16.” “Você quer trabalhar?” Aí eu disse: “Quero.” Ele assinou um papel aqui, e mandou eu ir pro Laboratório Alfa. Eu levei um chá de cadeira de mais ou menos umas seis ou sete horas. Eu fui de manhã... O meu pai não é o *seu* Lunga, não, mas ele é cheio de detalhe! Se dissessem assim: “Rapaz, é pra tá lá cinco horas da manhã”, pode ter certeza que ele me acordava às quatro horas e mandava eu ir. (*Joaquim dos Santos Rodrigues, conhecido como seu Lunga, já faleceu. Era vendedor em Juazeiro do Norte e conhecido por suas atitudes bruscas. Seu Lunga foi entrevistado na edição nº 9 da Revista Entrevista*).

Então, eu acordei cedo, mandaram que eu estivesse lá sete horas e eu fui. Eu acho que eu fui atendido por volta de três horas da tarde, por aí. Fiquei lá esperando. E o cara me dando chá de cadeira e eu sem dizer nada. Quando deu três horas da tarde eu disse: “Rapaz, acho que esse cara não vem falar comigo, não.” Eu já estava assim: “Não, vou embora.” Ele disse assim: “Rapaz, quem te mandou aqui?” Eu disse: “Foi o *seu* Tomás” – que era o Tomás Pompeu (*Tomás Pompeu Magalhães, presidente da antiga CILA – Companhia Lactínios Ltda.*). Ele era proprietário desses terrenos *tudinho* aqui do Bairro de Fátima. Se você não sabe da história, Tomás Pompeu era um coronel que

No meio do quintal tinha um pé de siriguela, tinha um pé de siriguela no meio do quintal. Frida e Nathan, o fotógrafo, doidos por siriguela, não se aguentaram e comeram duas ali, sem se acanhar, durante a entrevista mesmo.

existia aqui e era dono disso aqui *tudinho*, até a Igreja de Nazaré foi doação dele. Parte da rodoviária foi comprada dele também. Ele era muito poderoso.

Eu lá sabia que a palavra-chave era o *seu* Tomás! Se eu tivesse chegado lá de manhãzinha e tivesse dito que era o *seu* Tomás, tinha sido atendido na hora.

Isso eu comecei a trabalhar como auxiliar de manutenção, mas eu já fazia eletricidade, entendeu? Eu tive a sorte de pegar um laboratório em que tinham várias áreas em uma só, lá tudo se fazia. E eu, como era curioso, filho do *seu* Rogério, aí pronto! De tudo eu fui captando. Novo, doido pra aprender as coisas, mente aberta, aí foi que facilitou a minha vida profissional. Na realidade, hoje eu trabalho com eletricidade como uma das opções de trabalho, mas eu sei fazer um bocado de coisa profissionalmente. É tanto que lá (*no Pinheiro Supermercado*) me chamam de MacGyver (*Protagonista de uma série de televisão americana exibida entre a década de 1980 e 1990. Era um agente secreto que não usava armas e resolvia os seus problemas graças a conhecimentos científicos, materiais comuns e um canivete suíço que sempre carregava consigo*), de Bombril (*Mil e uma utilidades*), de tudo. Eu mexo na informática, mexo na parte elétrica, na hidráulica, mexo na mecânica, em tudo. Por quê? Porque eu era fruto do meio. O meio onde eu tive meu primeiro emprego, onde passei nove anos, foi só aprendendo mesmo. E aprendendo jovem, depois de velho não aprende não, viu? (*risos*)

João Gabriel – Eu quero voltar um pouquinho pra sua infância. Você acabou de falar do seu pai algumas vezes, que ele era meio “*seu* Lunga”, que ele esculpia... Ele também foi vaqueiro, não é? E a sua mãe era dona de casa. Como era a criação deles?

Reginaldo – Meu pai e minha mãe, na época da adolescência deles, não tiveram a facilidade que hoje se tem de estudar, de se formar. Na época deles, estudavam a cartilha do ABC, não sei se você já ouviu falar. Era uma cartilhazinha que tinha “ABC” e aquilo ali era o livro que você usava pra todo mundo. Nessa cartilha tinha como soletrar as palavras e se você lesse a cartilha do ABC, pronto, você não era mais analfabeto, sua formação era feita ali. Ele (*o pai*) teve pouca oportunidade de estudar. Esse Tomás educou um pouco meu pai depois de adulto, e cada um teve a formação da vida, pode-se dizer a universidade da vida. Ele tentou fazer com que fosse diferente com os filhos dele.

Meu pai é um semianalfabeto, minha mãe é uma pessoa semianalfabeta, mas ela escreve. Ela não tem o conhecimento de hoje,

de um colégio, mas ela sabe escrever, sabe somar, sabe redigir carta, essas coisas todas. Em relação à educação de hoje, é completamente diferente. Ela não sabe o que é uma raiz quadrada, ela não sabe essas coisas todas de matemática, que pra eles é uma complicação, mas pra gente é nosso dia a dia. Em cima disso, ele conseguiu educar todos os filhos. Eu tenho duas irmãs na universidade; eu não fiz porque eu não quis; o meu irmão também não quis. O negócio dele é outro, é natureza, é uma coisa completamente diferente, mas as minhas irmãs têm nível superior. Então pra ele (*o pai*) isso foi uma vitória muito grande, porque ele fez com que os filhos dele tivessem o conhecimento. Porque para muitos, pessoas que não tiveram educação acham que os filhos também não devem ter. O pensamento deles foi diferente. Tinha de educar, tinha de estudar...

A gente tinha uma obrigação. Por exemplo, eu fui criado com uma atividade. É porque hoje a gente tem água encanada, mas eu tinha de encher todo dia as vasilhas, tirar (*água*) de dentro de um cacimbão, e isso era obrigação. O meu irmão tinha de limpar o quintal todinho, juntar as folhas... Você imagina como a gente sofria (*risos*). Não eram só flores, não!

De manhã cedo tinha de começar indo pra missa. Você tinha de ir pra missa. Eu e meu irmão éramos coroinhas, a gente tinha de ir pra igreja. Depois da igreja, a gente vinha e ia pro colégio. De tarde você ia trabalhar, pra poder usufruir de alguma coisa e olhe lá. Oito horas da noite tinha de ir dormir. Dez horas você não ficava acordado, não! Hoje em dia a *negada* (*o mesmo que “as pessoas”*) vira a noite, mas antes? Era sagrado! Oito horas, embora você não dormisse, estava tudo apagado (*risos*). Houve uma criação bem regime militar, mas eu agradeço, que fez com que

“ ‘Você é fruto do meio’, esse é o ditado mais certo do mundo. Às vezes, as pessoas dizem: ‘Ah, meu filho vai ser um doutor’” Ele pode ser um doutor, mas, se ele não for vocacionado, ele não vai ser um bom médico.”

Reginaldo gesticula tanto quando fala (*e é muito*). Contando uma das anedotas, pegou o gravador do professor Ronaldo e tacou no banco, fazendo com que ele perdesse toda a gravação da entrevista.

Reginaldo pareceu gostar de Ronaldo. Quando o professor teve de sair – para tirar o carro que trancava o portão, ele parou e disse: “Espera aí, deixa o professor voltar que eu quero que ele escute”.

Tais não escapou das frescuras de Reginaldo, que, quando foi fazer o teste do "Atirei o pau no gato" (que você lê na entrevista), foi certo: "Canta aí tu, que é mais calada, a música".

a gente se organizasse com muita coisa. E sem contar a parte que ninguém mente: aqui ninguém mente! Eu posso até mentir, mas eu digo pra você que (em) 99,9% (das vezes) nós somos sinceros, seja no que for. Se a gente contar uma mentira, diz logo assim: "É não, tô brincando." Porque, na realidade, o que falta hoje para nós é acreditar. Porque a verdade prevalece, não adianta você mentir. Não é que eu seja o *expert*, mas você tem de pensar assim. Se você não pensar assim, como é que vai ser o seu amanhã? Vai ser mentiroso! Porque, se não tem verdade, como é que o cara vai viver? E o pior que tem é quando o cara descobre a mentira. (interrompido por uma ligação do trabalho). Sim, eu estava onde mesmo, hein?

Todos – Estava falando da verdade...

Reginaldo – Sim... Porque você não pode viver de mentira. Eu atribuo aos anos de vivência no trabalho. Quantos anos de trabalho eu vivenciei vendo as pessoas mentir? É tão feio você ver um colega de trabalho mentindo. No dia a dia você vê e começa a não acreditar nem mesmo no profissional que ele é. É tanto que eu digo que, dentro do meu próprio trabalho, eu imponho o meu jeito de ser.

A outra coisa que eu acho interessante: meu amigo, aqui você não tá para fazer a coisa que você faz na sua casa não, aqui você tem de fazer o que a empresa pede, o que a empresa quer. Tem de ser assim! Pode ser o prejuízo que for, sendo eu, eu digo, não escondo pra ninguém, não. Não sei se vocês conhecem aqueles relógios de ponto que você coloca a digital. Novinho, chegou na caixa, eu tirei, e esqueci de olhar se era 220V ou 110V. Taquei na tomada e queimou. "E agora? Queimou!" Queimou porque tinha de queimar, quem quebrou fui eu, tá aqui, se meu salário não pagar isso aqui, acabou, me bote pra fora, mas fui eu que queimei. Tem de ser assim! Porque eu acho que não adianta mentir! Eu podia muito bem deixar lá e ir embora. "Quem foi que queimou?" E ficava aquele negócio. Eu acho que a vida tem de ser em cima da verdade e não da mentira. Quantas vezes eu apanhei porque menti? Você tá é por fora! Hoje em dia você dá uma mãozada e dizem "Ai meu Deus, bateu no menino!" (risos)

Olhe, tinha uma tira de sola que meu pai fazia, tinha uma palmatória que era redonda, um pedaço de madeira, o que mais? (Tentando lembrar) Tira de sola, madeira... Não era meu pai que dava a palmatória, era meu irmão. Se os dois tivessem se *arengando* (*brigando*), eu dava dez nele (*palmas com a palmatória*) e ele dava dez em mim. Se não fosse suficiente, ia mudando. Era assim que funcionava a coisa. A forma que ele educou

Algumas delas entraram na edição da entrevista, outras não, mas Reginaldo tem história, exemplo, ditado e brincadeira pra tudo no mundo.



"Uma coisa eu digo: eu tenho 53 anos, mas eu garanto a vocês que eu vivi 53 anos ou mais! (...) A pessoa tem de viver, né? Qual a sua finalidade no mundo? Você veio aqui pra quê? Essas perguntas a gente tem de se fazer."

foi assim. A gente sempre fala a verdade. Às vezes, a criança mente, aí você acha graça. "Ah, tão lindo!" Lindo é quando ele crescer, que aquilo que ele fez vai ser em dobro. As pessoas hoje reclamam da falta da educação, que tem de ser assim, que não pode botar a criança pra trabalhar, ou coisa parecida, mas o que acontece é isso. A questão não é trabalho, a questão é você ter responsabilidade desde a sua formação. Rapaz, eu converso pelos cotovelos, viu? (*Todos riem*). Vou passar a noite aqui.

Rosiane – Seu Reginaldo, o senhor falou da questão da educação. Falou que escolheu não fazer faculdade. Isso foi relacionado ao fato de o senhor cuidar da quadrilha?

Reginaldo – Não, vou lhe dizer. Foi uma opção que eu tive na época, não foi quadrilha não. Hoje eu estava ouvindo na rádio que tem uma faculdade que a inscrição pro vestibular é de graça. Não sei se você viu. Você viu como as coisas mudaram? Antigamente não. Eu fiz concurso pro Banco do Nordeste duas vezes e não passei. Como é que eu ia competir naquela época, estudando em colégio estadual? Competindo com as escolas cearenses conceituadas? Colégio Cearense, depois Colégio Christus, Lourenço Filho... Era um colégio em que o cara entrava lá e realmente aprendia. Ia comparar com colégio do Estado? O nível de estudo era completamente diferente. Quantas vezes eu tentei vestibular? Não consegui. "Mas sabe de uma coisa? Não vou precisar disso aqui, não."

Eu resolvi não ir mais. Ainda fiz cursinho, naquela época do Skema (*curso fundado em 1975 pelo professor Hélio Pinheiro*). "Quer saber de uma coisa? Vou perder meu tempo com isso não." Não era pra mim. Na realidade, a vida faz isso. Não me arrependo não, fiz boas opções (*risos*). Uma coisa eu digo: eu tenho 53 anos, mas eu garanto a vocês que eu vivi 53 anos ou mais! Porque tem gente que pode ter 53 anos, mas não viveu o que eu vivi. A pessoa tem de viver, né? Qual a

"Primeiro vinha a minha felicidade, depois vinha o resto. (...) A vida é de decisões, toda hora você e tá tomando uma decisão, toda hora você e tá escolhendo um caminho."

sua finalidade no mundo? Você veio aqui pra quê? Essas perguntas a gente tem de se fazer. Eu tiro pela minha filha. A minha filha trabalhava, eu disse: "Olha, nós estamos indo para Brasília. Nós vamos dançar em Brasília." "Não, pai, eu não posso ir não, porque eu tô trabalhando, não sei o quê..." Eu disse: "Olha, vou dizer uma coisa pra você. Você tá trabalhando, né? Mas se você adoecer amanhã? Você vai trabalhar? Então, pronto. Só estou dizendo isso. Você conhece Brasília? Já foi? Não foi, então pronto." Eu só sei que ela não foi. Uma semana depois, sabe o que aconteceu com ela?

Átala – Ficou doente...

Reginaldo – Não, botaram ela pra fora. Ela veio falar comigo. Eu disse: "Olha, você tá vendo? Eu não disse pra você? Embora você fosse naquele dia ou não, você ia sair



Finalizada a entrevista, Reginaldo nos chamou para mostrar o ateliê do pai, artesão, cheio de peças muito bonitas, talhadas em madeira, entre elas o "tejubode", mistura de tejo com bode.

Depois do fim oficial da entrevista, mais uma pergunta foi feita: "Reginaldo, quando é que começam os ensaios da quadrilha?" Depois de duas horas ouvindo falar da Zé Testinha, teve gente querendo dançar quadrilha.

Na pré-entrevista com a irmã de Reginaldo, Zena, ela disse que já deixou de fazer uma reforma na casa dela para ajudar a construir a quadra coberta para a quadrilha. Paixão pela quadrilha, aqui, é de sangue.

do emprego. Então, você perdeu a oportunidade de ter ido (*risos*). Pelo menos tinha uma desculpa. Eu saí por quê? Porque fui pra Brasília." Eu nunca deixei de perder nenhuma oportunidade. Primeiro vinha a minha felicidade, depois vinha o resto. Não estou dizendo que todo mundo seja vagabundo. Muito pelo contrário, a gente incentiva quem entra na quadrilha. Um dos requisitos da quadrilha infantil é estar no colégio. E o resto é consequência. Quantas pessoas já disseram: "Ah, não vou brincar, vou trabalhar." É uma glória pra nós, porque na realidade a gente serviu de trampolim para alguém. A vida é de decisões, toda hora você tá tomando uma decisão, toda hora você tá escolhendo um caminho.

Frida – Reginaldo, na conversa com a gente, quando da produção da entrevista, você falou que saiu do laboratório, contou toda a sua trajetória nas empresas e, em determinado momento, você diz que comprou um táxi e foi ser taxista. Quero saber como foi essa experiência. Por que você foi ser taxista?

Reginaldo – É porque eu, como todo adolescente, a gente se enrola por causa de uma mulher. E eu me enrolei por causa de uma. Casei e tal, e me separei. Quando eu me separei, a gente fez um acordo legal. Eram duas filhas que eu tinha... Ainda tenho, graças a Deus (*risos*)! "Olha, tu ficas com as meninas e eu saio e vou pra casa da minha mãe" (*ele disse*). Só que depois disso ela quis ir pra casa do pai dela. O pai dela era muito meu amigo, já faleceu. As pessoas não entendem como eu ganhei essa questão, mas é porque eu era muito amigo do pai dela. O pai dela me tinha como um filho.

Eu sei que, nessa arrumação, ela foi pra casa do pai dela. Isso depois de um ano, mais ou menos, que a gente estava separado. Ela entrou na justiça, influenciada por uma amiga, porque queria pensão pras meninas. A juíza determinou que metade do meu salário era pra ela. E eu achei que era injusto, porque eu já assumi as meninas, embora eu não estivesse com ela. Então, por que ela queria o dinheiro? Eu disse: "Ai é? Pois tá bom". Fui no meu patrão, conversei com ele. "Reginaldo, é o seguinte. Se tu *pedir* as contas, tu vai ser processado, vai ser complicado. Faz o seguinte, eu vou te botar pra fora." Ele me botou pra fora, eu ainda passei seis meses trabalhando lá escondido, pra treinar uma outra pessoa pra ficar no meu lugar, e comprei um táxi. Táxi não tinha de declarar renda nem nada.

Eu sei que nessa arrumação eu passei dois anos trabalhando como taxista, foi muito engraçado. Eu trabalhava só pra botar gasolina no carro! Eu não sei como é que os caras hoje em dia, trabalhando em táxi,

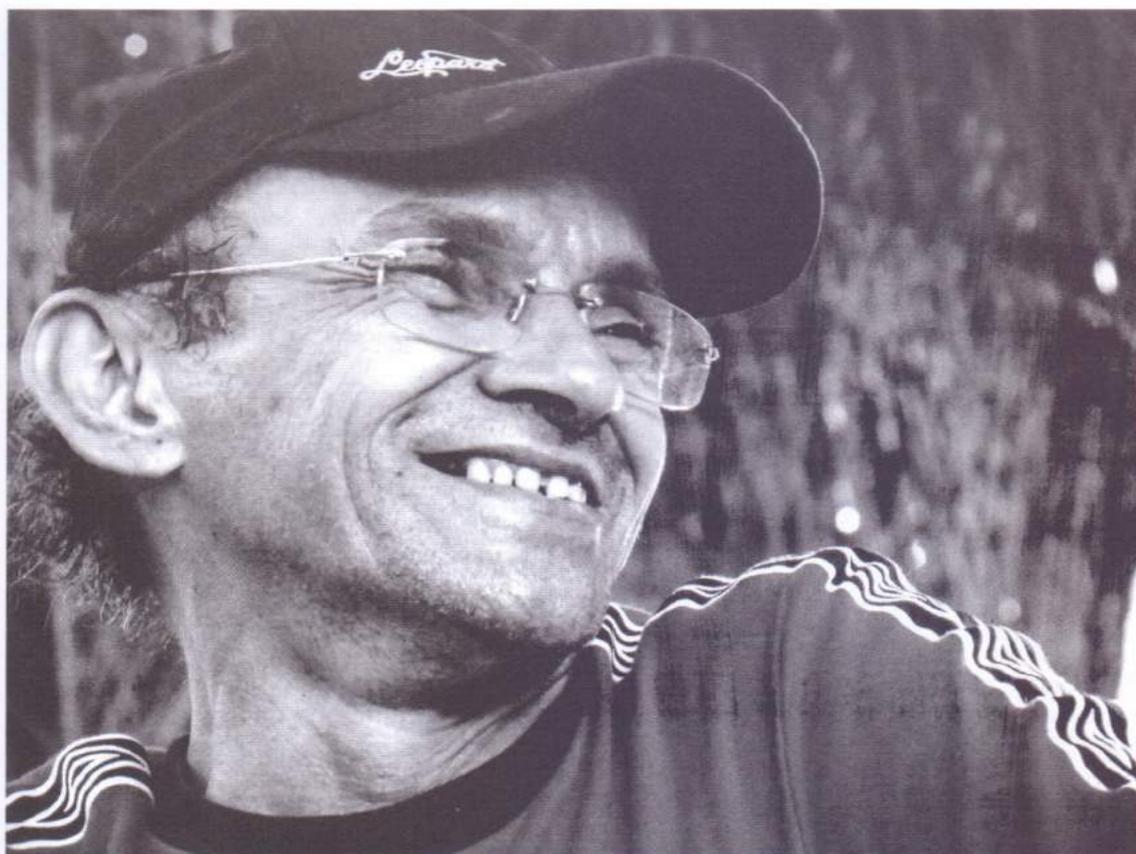
"Eu acho que pra poder você buscar a credibilidade de alguém você tem de estar com a verdade, não com a mentira. O que é a verdade? É a nossa história."

ganham dinheiro, te juro. Porque eu não vi forma de ganhar dinheiro. Isso lá é negócio pra ninguém! Você rodar aqui, a pessoa entra no carro, você fica pensando: "Esse cara aqui, sentado atrás, vai já dar uma facada em mim." (*risos*). Mas é isso, você tá é por fora! O cara que trabalha de taxista, quando ele pega uma mulher, tudo bem. E hoje em dia nem uma mulher é mais confiável, porque ela pode levar pro *cheiro do queijo* (*expressão utilizada para designar um lugar perigoso*).

Eu tenho até uma história. Eu tinha uma namorada lá no (*bairro*) João XXIII, pro lado do Conjunto Ceará. Eu vinha de lá e um cara deu o sinal. Isso por volta de 11, 12 horas da noite. O cara deu o sinal e eu parei. Ele vinha com um negócio enrolado na camisa e, quando ele abriu a porta, eu vi que ele estava todo ensanguentado. Sentou do meu lado e aí eu fui. "Pra onde é?" "Rapaz, é lá pra Serrinha". Beleza, era lá perto da minha casa, isso eu pensando.

Serrinha já tinha uma fama danada naquela época. E eu disse (*pensando*): "Qualquer coisa eu bato no primeiro poste que eu ver aqui, vai morrer nós dois." Era o meu pensamento, te juro! Quando mandaram eu entrar por trás do Shopping Parangaba, do lado do shopping tinha aquele Colégio Positivo. Ali atrás existia um monte de casinha, umas vielas. Ele mandou que eu entrasse ali, e eu entrei. A minha sorte foi que eu vi um *mundaréu* (*o mesmo que "muito"*). "Um mundo de gente" de gente no meio da rua. "Vixe Maria, que confusão é essa aí?" Quando ele mandou eu entrar pro lado da Serrinha, eu fiquei com medo, porque não tinha ninguém, era tudo escuro. Eu disse (*pensando*): "Agora ele vai querer me matar por aqui." Mas, quando eu entrei na rua, que *tava* aquela confusão danada, chega deu uma lavagem. Ele disse: "Que confusão é essa?" "Rapaz, eu não sei, não moro por aqui, vou parar pra ver o que é." Parei pra descer logo do carro, né?

O nome de Reginaldo foi sugerido por Brenda, que justificou a proposta do nome pela loucura pela quadrilha e relevância da Zé Testinha na manutenção da tradicionalidade no meio do glamour das quadrilhas contemporâneas.



Ao final da entrevista, conhecemos a horta caseira da família de Reginaldo. Todos ficaram impressionados com a beleza e a simplicidade do local.

“Foi isso que fez com que a gente buscasse uma identidade nordestina: competir com o modernismo. Lá vou participar de seminário de quadrilha! Para quê? Eu já tive meu seminário: meu seminário foi o sertão onde eu vivi.”

Eu sei que o cara desceu, morava lá perto. Era uma briga que um cara pegou a mulher com outro e mexeu com a rua todinha. Eu fiquei preocupado e fui perguntar a ele. Quando ele foi me entregar o dinheiro, todo sujo de sangue, ele disse: “Não, cara, é porque eu sou açougueiro, fechei o meu ponto e estou indo pra casa.” (risos) E ali era uma faca que ele levava pra casa, enrolada na camisa.

Pra você ter uma ideia de história de taxista. Você pode perguntar para inúmeros taxistas, que cada um tem uma história pra contar. Porque na realidade é uma situação que você não pode confiar em ninguém. Quando eu ganhei na justiça que eu podia criar minhas filhas foi que eu passei a trabalhar profissionalmente de novo. Mas foi por causa de uma declaração que meu sogro me deu. “Reginaldo, agora você vai levar suas duas filhas e vai morar com elas na casa da sua mãe. Sou eu que estou dando.” E eu peguei e trouxe as duas meninas pra cá.

Átala – E elas aceitaram morar com o senhor sem a mãe?

Reginaldo – Rapaz, uma tinha sete meses, ela não tinha muito o que aceitar não. (Todos riam) E a outra tinha um ano e seis meses, por aí. A de um ano tem um trauma. Ela já entendia o que era mãe e o que era pai e gostava dos dois, então ela teve até de ir pra psicóloga, porque ficou um trauma. Quando um ia embora, ela chorava, quando o outro ia, também. É bom quando junta, mas, quando separa, minha amiga, é desastre! (risos)

Frida – Eu quero saber como foi pra ti ser pai.

Reginaldo – Eu assisti a todos os partos. Acho que a pessoa tem de vivenciar todos os momentos. Embora eu seja um cara fraco, eu quase desmaiava, mas assisti. Eu acredito muito ainda na vida. Acredito que as pessoas têm de valorizar a oportunidade de estar vivo. Não existe uma coisa mais interessante do que ver uma pessoa nascer. Eu vi muito

Quando alguém perguntou sobre a horta, no entanto, Reginaldo riu e disse: “De quadrilha você pode me perguntar, mas de horta eu não entendo nada!”

A quadra onde os brincantes ensaiam para a apresentação da quadrilha fica logo na entrada do terreno onde ficam as casas de Reginaldo e família.

“...quadrilha não é pra ganhar. Quadrilha não se faz pra ganhar. Ganhar é consequência daquele besta que acha que tem de julgar a cultura popular.”

animal nascer, isso já era normal, no sertão você vê muito. Mas de gente, eu presenciei as minhas duas filhas. Uma foi cesárea, que eu não sei como é que uma mulher aguenta um negócio daqueles. Ela saiu da sala de cirurgia pior que uma geladeira. Parecia que a pessoa estava morta. Eu acompanhei tudo lá. Dizem que um homem é forte, mas não chega nem aos pés de uma mulher. É uma fortaleza muito grande!

Eu acompanhei e até hoje acompanho o dia a dia de cada uma das minhas filhas, elas gostam muito de mim, me têm como pai e mãe. Hoje em dia é a coisa mais fácil cuidar de um menino, só botar a fralda e tá beleza. Naquela época, não eram essas fraldas descartáveis, era completamente diferente. E eu não tinha como cuidar, tinha uma torneira do lado, eu lavava lá, (*refere-se às fraldas antigas, de pano*) e assim funcionava comigo (*riso*). Eu criei elas assim. Eu fui pai e mãe e hoje elas gostam muito de mim. Têm respeito pela mãe, porque eu nunca fiz barreira ou coisa parecida, porque eu acho que, embora a gente não se relacione mais, não pode deixar de ser a mãe. É tanto que elas têm contato com ela (a mãe), eu já ajudei ela, ela já casou com outra pessoa, já adquiriu filhos também. A gente era amigo, por que que agora vai deixar de ser?

Frida – Reginaldo, e você teve as duas meninas e muitos anos depois...

Reginaldo – (*interrompe*) Eu tive o João Ícaro.

Frida – E como é que foi?

Reginaldo – Assisti ao parto também! As pessoas dizem: “É bom ser avô, porque você é pai duas vezes”. Eu fui avô duas vezes, mas não é a mesma coisa de ser pai. É tanto que me chamaram pra assistir ao parto da minha filha, eu ia assistir, mas deixei que o marido dela assistisse, porque eu acho que ele tinha

de participar. “Não, eu quero o papai!” “Não, mas é o seguinte, só pode ir um, então quem vai é ele.” Porque eu acho que o cara tem de ver. Ele vai valorizar mais tanto a filha como a esposa.

A questão do filho, depois de uma certa idade, estar com um filho de novo... Cada dia que passa, você passa a ser um herói pra ele. Embora não seja, pode ser o pior vagabundo que for, mas ele é o teu herói. A coisa mais importante que alguém me disse um dia, quando eu me separei, foi o seguinte: “Reginaldo, não importa onde você esteja ou o que esteja fazendo. A única coisa que você não pode deixar de ser é importante pras suas filhas, deixar essa importância de lado, você tem de ser o alicerce, ser a base.” Isso aí ficou na minha mente e eu nunca abandonei o lado de ser pai, de participar. E, assim, você vai formando seus filhos. A relação de ser pai de novo é interessante, porque você vai reaprender, não é a mesma coisa. É muito diferente da época que eu cuidei delas, de agora, que eu cuido do outro.

Tais – Você falou na pré-entrevista da questão do pensamento positivo, que você crê muito que o pensamento positivo traz coisas boas e muitas coisas acontecem na sua vida de maneiras inexplicáveis. A que você atribui esses acontecimentos inexplicáveis na sua vida? E você se acha uma pessoa abençoada?

Reginaldo – Eu vou dizer uma coisa pra tu, viu? Pra vocês, né? A questão do positivo não sou eu que estou dizendo. Isso já é de longa data, da formação do mundo. Às vezes, as pessoas dizem: “Reginaldo, eu acho que tu é doido”. Eu acho que eu não sou doido, eu acho que cada um tem de acreditar em alguma coisa. E você tem de descobrir. Não é porque ela vai me dizer, não. Você tem de achar o que é o certo pra você. O meu

“Virgulino era nordestino, era devoto de Santo Antônio, muito religioso e na época junina... Ele não guerreava. Ele era marcador de quadrilha e gostava de tocar acordeão.”

No dia em que Brenda e Frida foram à casa de Reginaldo para a pré-entrevista, foram recebidas pela irmã do entrevistado. Ela logo disse: “Pera aí, que ele está se escondendo.” Na verdade, ele estava arrumando o local onde seria realizada a pré-entrevista.

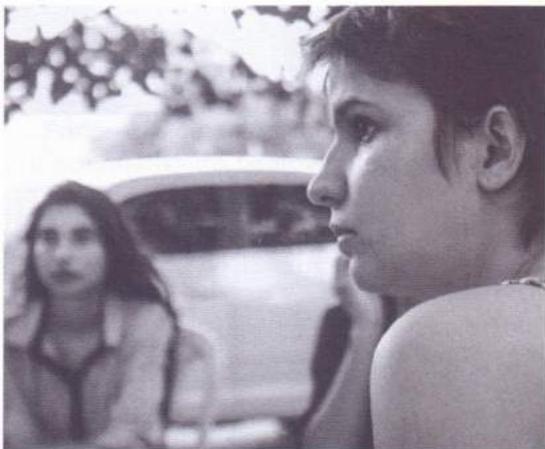
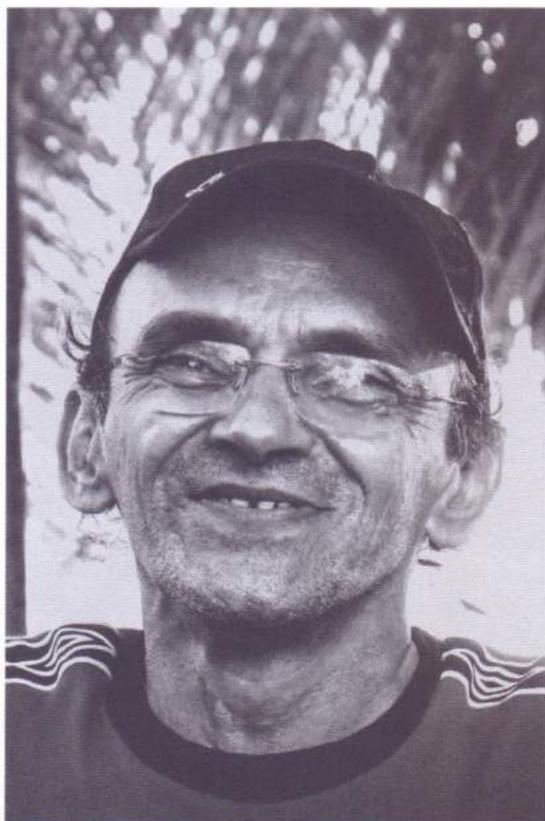
certo pode ser o seu errado, mas é o meu certo. Quando se diz que se pensa positivo, não sou eu que estou dizendo, é o universo todinho. "Quando você pensa positivo, o universo todo conspira." Essa colocação é interessante, porque fala de forma bonita e poética, mas na realidade eu acho que tá na formação do mundo. Não falo de Deus, de nada não. A formação do mundo que eu estou falando é do mecanismo ser humano, criado por Deus. Isso é o que eu acho. Existe a linha da reprodução, existe a linha da vida, de viver, existe a linha da morte.

Por exemplo, se eu ando com um monte de bandido, eu estou andando na linha da morte: eu estou propício a morrer, porque eu estou fazendo coisa errada. Se eu estou namorando com alguém ou coisa parecida, eu estou na linha da reprodução. A vida eu acho que é assim. Quando você pensa que tem de acontecer, não sou eu que quero. Às vezes, a pessoa chega e diz: "Reginaldo, só tu mesmo pra pensar assim." Mas é porque eu não fico parado, pensando no que a pessoa vai me dizer.

Frida – Você contou pra gente, quando a gente estava produzindo a entrevista, que começou na quadrilha com 13 anos. Como surgiu a sua paixão por quadrilha?

Reginaldo – Aí é outra história grande, mas vamos lá, vou tentar simplificar. O meu pai era do sertão, minha mãe também era. Um é da terra da galinha choca (*Quixadá, sertão central do Ceará*) e o outro é da pedra do frade, que é Itapajé (*Região Norte do Ceará*). O meu avô materno era delegado do (então) distrito de Banabuiú (*Sertão Central do Ceará*) e gostava de festa. Quando tinha as festas lá, eram na casa dele. Ele fazia leilão, as quadrilhas improvisadas, contratava um marcador – que na realidade chamava-se animador. Do lado do meu pai era do mesmo jeito. Meu avô tocava rabeça (*Instrumento medieval precursor do violino, de três ou quatro cordas, o corpo em forma de pera*) e gostava de festa também. Nessa arrumação, o fato de a gente andar muito no sertão, minha tia já brincava... Depois que minha tia veio morar em Fortaleza, ela passou a participar das quadrilhas daqui.

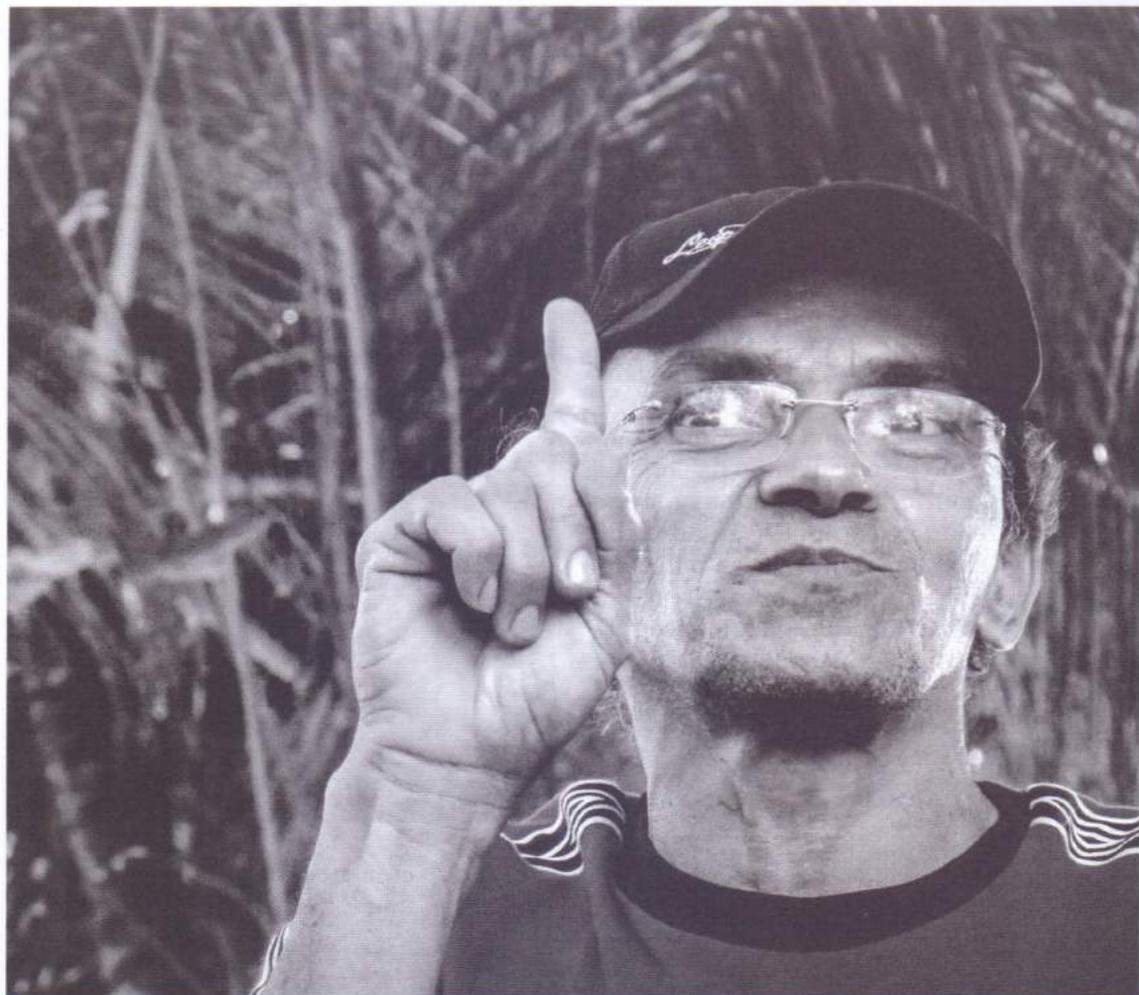
Naquela época era diferente de hoje, não tinha essa infinidade de ensaios. Hoje se ensaia mais de seis meses pra apresentar e naquela época não, eram poucos ensaios e só se dançava um dia, na véspera de São João. A gente era criança e precisava de uma pessoa pra ajudar, e veio a minha tia. Ela gostava de quadrilha também – pelo fato de o pai dela já fazer isso também, procurou quadrilha aqui e levou a gente. E como a gente é fruto do meio, foi fácil gostar de quadrilha sem nem



No dia da entrevista, Frida estava mais pra lá do que pra cá, com suspeita de dengue. O nervosismo já existente em Brenda quase triplicou com a possibilidade da colega e dupla no processo de produção não comparecer à entrevista.

Reginaldo foi o terceiro mais votado durante o processo de escolha dos entrevistados.

O tempo de entrevista com Reginaldo excedeu em 20 minutos. E como ele mesmo disse, se deixassem, a entrevista iria até as 20 horas. E a gente ia adorar ouvir.



Os pais de Reginaldo "assistiram" à entrevista. De longe, na área, sentados em suas respectivas cadeiras de balanço.

se esforçar muito. Depois eu fui pro colégio. Quando chegou lá encontrei uma outra pessoa que, embora fosse professora de educação física, gostava de fazer quadrilha. Cada classe tinha uma quadrilha. Nisso ela incentivava as classes a fazer (a quadrilha) para se apresentar nas festas do colégio. Como era colégio de Estado, só ia até a quarta série. Tivemos de nos mudar para outro colégio, cada um foi pra um colégio diferente. Aí sentimos aquela necessidade de estar junto.

Tinha um grupo lá, que era o Grupo de Jovens da Vila União, que foi o elo, as pessoas foram para o grupo pra poder começar a quadrilha. Foi onde começou o "Q" da questão. E gostar não foi difícil não, meus irmãos todos participavam. Inclusive até depois de quatro anos, nasceu minha outra irmã, mas não foi difícil de ela gostar também, não. Todos participam, eu acho que em virtude do meu pai e da minha mãe também, dos meus avós, de gostar de sanfona. É porque vocês nunca foram a uma festa no sertão. Mas no dia que vocês forem numa festa NO SERTÃO (ênfatizando) – não são essas festas que são industrializadas não, dessas bandas de forró que a turma diz que vai pra dançar forró, mas na verdade é só pra escutar a *zuada* e ajudá-

la a sobreviver. As festas de forró tinham lá a zabumba com esses bancos de couro, mo-
lha, bota o dia no sol, o cara pega um peda-
ço de marmeleiro (*Do marmeleiro também
se extrai a vara de marmelo, instrumento de
punição bastante usado no passado, e ainda
em uso em algumas localidades*), uma sanfo-
na e era tocado no lampião. Quando apagava
o lampião, a confusão era grande, porque fi-
cava tudo escuro. E o chão a barro. É outra
riqueza também. Por isso que veio o gosto
pela quadrilha também.

Mylena – Depois que essa paixão desper-
tou e você começou a conhecer a quadrilha,
o que o incentivou a trabalhar com isso?

Reginaldo – Olha aí... (*Falando com a
Brenda*) Eu trabalho com quadrilha?

Mylena – Não, o que eu digo é...

Reginaldo – Não, eu tô brincando, é que
eu quero ver tu nervosa! (*Todos riem*) Na re-
alidade foi um acaso. Não vou dizer que eu
fui porque eu queria ser. Eu estava na quadri-
lha dos meus irmãos e quem marcava era o
meu irmão (*Ronaldo Rogério*). Conheci uma
pessoa que depois casei com ela, brincan-
do na outra quadrilha, e eu ficava lá e fica-
va cá. Na de lá, o cara ganhava dinheiro pra
fazer isso. Ganhava dinheiro mesmo! Quan-
do não pagaram ele, isso no mês de maio,
disse: “Rapaz, eu não vou marcar quadrilha
não, o cara não me pagou...” Aí todo mun-
do já tinha ensaiado, pra não perder a festa,
eu disse: “Rapaz, seguinte, eu vou marcar a
quadrilha.” Na época eu era muito novo, eu
tinha uns 15 ou 16 anos, mas eu impunha o
meu respeito, eu não deixava ninguém che-
gar e querer dizer que eu não sabia fazer.
Mesmo não tendo ensaiado desde o come-
ço, ter pegue só de maio pra junho, as pes-
soas queriam que eu desse certo, existia um
pensamento positivo de que o Reginaldo era
a salvação, então tinha de fazer o que o Re-
ginaldo queria. É aquilo que eu digo: quando

**“A Zé Testinha faz o
cangaço como uma
forma de combater o
modernismo, o falso
brilho. A gente entra de
cangaceiro, depois faz
uma poesia explicando
o que queremos mostrar
para as pessoas.”**

se pensa positivo, acontece mesmo.

No ano seguinte, não foram mais nem atrás
do cara, era o Reginaldo de novo. Eu gostava
de dançar. Eu não gostava de marcar, eu tive
de optar entre uma coisa ou outra e fiquei com
marcar. Eu deixei de brincar muitas vezes. Às
vezes, a pessoa que tá marcando não brinca.
A pessoa pensa que não, mas quem brinca se
diverte mais. Mas hoje em dia eu não tenho o
que reclamar não, se acostuma.

Sabe a história do cachorro do prego? O
cara tinha um cachorro que passava a noite
latindo, choradeira danada, chorando, cho-
rando... As casas eram de parede e os car-
ras do outro lado já não aguentavam ver o
cachorro toda noite chorando. Um cara foi
e disse: “Rapaz, hoje eu vou acabar com a
choradeira desse cachorro”. Foi e bateu na
porta do dono. “Rapaz, seu cachorro passa a
noite chorando e a gente não consegue dor-
mir” Ele disse: “Rapaz, é uma tábua com um
prego que tem lá, ele fica deitado em cima
do prego.” “E por que vocês não tiram?” “Ele
é solto, ele vai pra lá porque ele quer.” O ca-
chorro se acostumou a dormir em cima do
prego e chorar (*Mylena e Daniel riem*). Então,
todo mundo se acostuma com seu meio. Por
isso que eu me acostumei a ser marcador
e hoje eu não reclamo de nada, tô em cima
do meu prego aqui, chorando, mas não digo
nada. (*Todos riem*)

Frida – Reginaldo, você falou pra gente
um pouquinho do Grujoviun, mas eu queria
saber... Como foi que surgiu a Zé Testinha?

Reginaldo – Na época, a gente não tinha
dimensão do que ia ser. A gente foi fortale-
cendo a quadrilha. A quadrilha era feita na
lavanderia, já cresceu no ano seguinte e não
cabia mais na lavanderia, já arranjamos ou-
tro local, no colégio, na casa de outro colega
que tinha o quintal grande, e assim foi cres-
cendo.

O nome Zé Testinha veio de um apelido
de infância, porque meu pai, como eu falei
aqui, gostava de regra, o sonho dele era que
um filho fosse ou militar ou jogador de fute-
bol, inclusive goleiro. Porque o sonho dele
era ser goleiro e não foi. Então, ele pelava
nossas cabeças no zero. E eu tenho a testa ó
(*tira o boné para mostrar a testa*), é grande! E
as pessoas chamavam do contrário. Se tem
a testa grande, chamam de Testinha, mas na
realidade você tem é uma testona. E me cha-
mavam de Testinha. Testinha pra lá, Testinha
pra cá. O meu nome é José. A abreviação no
sertão, tem José em tudo que é canto, por
causa da formação religiosa. Pra diferenciar
o José do outro, botavam José da Raimunda,
José não sei da onde. No fim, fica só “Zé”, a
abreviação.

E a minha irmã foi fazer a inscrição na épo-

Coincidências da vida:
Reginaldo tem um irmão
mais velho que se chama
Ronaldo e Ronaldo (o Sal-
gado) tem um irmão mais
velho chamado Reginaldo.

Ronaldo, antigo marca-
dor da quadrilha do Grujo-
viun e irmão de Reginaldo,
hoje faz parte do Massa
Crítica, coletivo cicloativis-
ta e anticapitalista.



"...quando você acreditar que a alimentação sua não é o dinheiro, é a felicidade, não tem dinheiro no mundo que faça com que você não seja feliz. Porque você vai buscar."



No dia da pré-entrevista, Reginaldo escapou do trabalho para conversar com a gente. Lá o acordo é que teve alguma coisa da quadrilha pra resolver, importante e ele pôde sair.



ca da Fundação Cultural de Fortaleza – hoje é Secultfor (*Secretaria de Cultura de Fortaleza*) – pro evento de lá e perguntaram: “Como é o nome da quadrilha?” “É Grujoviun.” E o cara disse: “Rapaz, mas esse negócio aí tem nada a ver com São João, arranja um nome mais decente.” A minha irmã, a encostada na mãe velha, com a menina da Vila União, a Teresa, disseram: “O apelido dele é Testinha, aí bota o nome e o apelido dele.” Chegaram e disseram assim: “Reginaldo, a quadrilha mudou de nome.” “Foi mesmo? E como é agora?” “Não, tu vai ver lá, quando chamar.”

Como hoje em dia o *bullying* existe (*risos*) quer queira, quer não, eu sei o que é o *bullying*. Eu sei o que é ser chamado de negro, de gordinho... Tiravam selo, tacavam a porrada na minha testa, eu sofri muito com isso aí. E eu tinha raiva, detestava quem me chamava de “Testinha”. Na hora que a quadrilha foi entrar o cara disse “E agora, com vocês, a quadrilha Arraiá Zé Testinha.” Eu disse: “Rapaz, não acredito não!” (*Todos riam*) Correu todo mundo, entrou e eu fiquei pensando. Fiquei com raiva da minha irmã, mas hoje eu dou maior valor, eu gosto, não ligo mais. Surgiu do *bullying* de um apelido de infância que eu tinha. Eu mudei até de bairro, deixava de andar em um bairro porque o pessoal já me chamava de Testinha, Testinha, Testinha... Não sei se vocês já so-

Brenda já havia advertido: “O Reginaldo fala muito”. Só a pré-entrevista durou uma hora.

freram de *bullying*, mas é isso aí, é complicado. Eu vejo as pessoas falando na televisão sobre *bullying* e eu sei o que é isso.

Daniel – O senhor falou que a quadrilha Zé Testinha tem também um trabalho social, não é? Eu queria saber como é a relação desse trabalho social com os moradores daqui do bairro, da Vila União. Como percebem esse trabalho?

Reginaldo – Olhe, é interessante quando você começa a perceber, a entender, o propósito de sua vida. Seu propósito. O que é que você veio fazer aqui? Será que foi ser só filhinho de papai e de mamãe?

E aqui a gente, com o passar do tempo, passou a aprender o seu valor para o outro ser humano. É igual à história do palhaço: às vezes, o palhaço está sozinho lá – ele é corajoso, viu? Porque não é qualquer um que faça o que um palhaço, um humorista, faça não, mas eles fazem. Às vezes, ele nem sabe, mas tá sendo espelho pra alguém que está assistindo. A quadrilha faz isso também – ela serve de espelho.

Dentro da própria comunidade, falta alguma coisa que preencha a ociosidade dessa juventude, entendeu? Não tem um trabalho social. Não tem. E, se você for analisar, acho que é o Ceará todo, Fortaleza toda. Isso vindo dos órgãos, porque particular tem muito: tem um bocado de ONG aí que funciona, um bocado de coisa, mas eu tô falando das partes que deveriam estar fazendo isso. O trabalho social, de esporte, de lazer, que faça com que a juventude seja preenchida. Se você for analisar, inclusive se você for olhar o que tem no bairro, pelo livro da Prefeitura, você vai ver que o referencial social é a Zé Testinha. Eu acho isso uma vergonha pra Prefeitura, porque tem de ter a juventude.

É muito fácil você falar do marginal. “Ah, mas eu posso ser assaltado” – pois já meteram bala em mim e eu tô vivo aqui porque Deus não quis que eu fosse, entendeu? Mas eu continuo com a minha linha de pensamento: o bandido não tem culpa de ser bandido. Ninguém nasce pra ser bandido, ninguém quer ser bandido, você está entendendo? Então, o que acontece? Você olha pra televisão e a televisão está lá dizendo que tênis de fulano de tal é melhor, calça de marca, camisa de marca. De uma hora pra outra ele vai pro mundo dele e não tem. Talvez pra nós, que já temos uma formação, um pai e uma mãe, um sustentáculo, uma formação boa – ela lhe ajudou a ser o que você é hoje. Mas imagina aí: uma pessoa que é filho de gente da favela, que não está nem aí pra vida, de bandido... Esse cara vai gerar alguém, não vai? Imaginou o filho dele, como é que vai ser? Ele já não teve uma formação e o filho



Na reunião de pauta, Frida foi cair na besteira de dizer que Reginaldo falava muito mas era facilmente interrompido. Na primeira vez que alguém tentou interrompê-lo, ele mandou um "pera aí, que eu ainda não terminei".

“Existe o quadrilheiro – que está vocacionado à brincar quadrilha – e existe aquele que gosta de competição de quadrilha. É diferente, o brincante e o que gosta de competir.”

dele, se não tiver uma mão de Deus que salve ele, não vai ser boa coisa.

Então, a importância que a gente tem aqui dentro do bairro... Tem muito exemplo aqui. Já passou por aqui (*pela quadrilha Zé Testinha*) gente que hoje está no hospital porque levou tiro, criança que saiu da infância, não teve um acompanhamento e foi pro mundo da droga, assalta... “Vixe, é o tio Régi! Pode passar, tio!” Se não fosse o tio Régi era outra pessoa que ia ser assaltada. Essas coisas estão acontecendo mais por falta da educação, por causa da ociosidade que não é preenchida. Isso ainda na infância. A salvação é a infância.

Não adianta fazer presídio não, vão morrer de fazer presídio: vão só enchendo, enchendo. Dizer “Ah, a solução... O bom é matar *tudim*”? Não, o bom não é matar *tudim*: o bom é dar educação a *tudim*! Então, a gente tem esse papel aqui no bairro.

Dentro do bairro, você tá é por fora: se chegar aí na Vila União e perguntar sobre Zé Testinha a pessoa sabe. Às vezes, chega mãe

aqui e diz: “Ó, tá aqui meu filho”. E deixa o filho aqui no portão e vai embora, porque sabe que aqui tem um trabalho sério, um trabalho educativo, um trabalho cultural.

Existe uma diferença entre você ser da Zé Testinha e não ser, aqui no bairro. Aquele que não é quer entrar, principalmente criança. Os pivetinhos desse tamanho aqui (*faz referência ao pequeno tamanho*), se você diz que dança na Zé Testinha ele diz: “Ah, quando eu crescer eu vou dançar lá!” (*risos*) É interessante! Ela já fica querendo participar e a gente fica naquela responsabilidade.

Tu pensas que eu já não quis parar várias vezes? Eu já quis parar. Mas não dá mais pra parar porque a gente tem uma importância. Você criou um monstro e você tem de saber domar esse monstro. E isso aconteceu não só comigo, mas com todo mundo aqui (*todo mundo da direção da quadrilha, formada quase toda pela família de Reginaldo*). A gente tem essa preocupação de ouvir. Aqui a gente faz análise (*método terapêutico da psicanálise, criado por Sigmund Freud, funda-*

Na pré-entrevista, Reginaldo nos disse que a Zé Testinha tem fama de casamenteira: não só ele como vários dos integrantes, entre eles irmãos, casaram depois que começaram a dançar na quadrilha.

Reginaldo é o quarto irmão de cinco filhos. A curiosidade é que os nomes de todos começam com a letra "R". São eles: Rosilene, Rosileide, Ronaldo, Rosena e Rosélia.

mentado na interpretação de conteúdos inconscientes nas palavras) de graça. Quantas pessoas não chegam aqui querendo conversar? A gente senta ali, conversa, aquela brincadeira, e começa a expor ideias, às vezes a pessoa sai até com outro pensamento.

Átala – O senhor tem essa relevância, essa importância na Zé Testinha, com o trabalho social, mas também com a cultura popular nordestina. Como o senhor conseguiu esse reconhecimento?

Reginaldo – Eu acho que pra poder você buscar a credibilidade de alguém você tem de estar com a verdade, não com a mentira. O que é a verdade? É a nossa história. A nossa história tem uma grande mentira contada e eu tento mostrar a verdade.

As pessoas hoje querem mudar o sentido do nome quadrilha, do significado de quadrilha. Se você for ler no Aurélio (*tradicional dicionário brasileiro*) ou no Câmara Cascudo (*jornalista, escritor e folclorista brasileiro autor do livro Dicionário do Folclore Brasileiro*) você vai ver que eles já definiram o que era quadrilha. E eu acho que por virtude de a gente viver em um mundo capitalista, um mundo em que as pessoas não se importam uns com os outros, de alguma forma também não se importam com os costumes e com a cultura. Com as tradições.

Foi isso que fez com que a gente buscasse uma identidade nordestina: competir com o modernismo. "Olha, vai ter um seminário de quadrilha!" Lá vou participar de seminário de quadrilha! Para quê? Eu já tive meu seminário: meu seminário foi o sertão onde eu vivi. Eu vivi! Não tô aqui tentando aprender com ninguém não. Se eu fizer o que os seminários tão dizendo, vou jogar logo um tema na quadrilha, aí vou trazer a pesquisa do escritor fulano de tal... Não é por aí!

Em cima disso a gente (*a quadrilha Zé Testinha*) viu que tinha que ter alguma coisa do sertão. E eu acho que o cangaço é um mito até hoje. Embora tenha mais de 100 anos que acabou o cangaço (*na realidade faz quase 70*), o negócio ficou tão rico, no Nordeste, que todo mundo, até hoje, conta uma história. Um negócio impressionante: parece que com a morte fez foi aumentar, não é? Numa simples brincadeira que a gente fez sobre o cangaceiro, a gente acordou e viu que o cangaço era mais rico do que a gente imaginava e do que estava nas quadrilhas por aí.

Aqui, em época junina, a gente bota as cadeiras e vai falar sobre quadrilha. Eu tenho de vacinar os brincantes. Eu vacino os brincantes falando o que é quadrilha, o que é passo... Por exemplo: quando a quadrilha foi criada, ela foi baseada nas danças espanholas, nas danças portuguesas, veio pra cá e teve influ-

O nome completo de Reginaldo é atípico, parece ser composto por quatro primeiros nomes: José Reginaldo Rogério Alexandre. É herança da família real, explica ele.



ências, aquela coisa toda, entendeu?

Hoje em dia você vai pra uma festa junina e não tem mais horizonte: é mesmo que ver as escolas de samba do Rio de Janeiro. O São João já tem a riqueza dele – não precisa ser confundido com outra manifestação popular. Mas não: a turma já faz com que tenham (*as quadrilhas*) adereços, carros alegóricos, que não é da nossa região.

Às vezes, professor, eu dou um exemplozinho: a gente tem nossa riqueza, ela vai pro sul do país, volta enlatada e você ainda capta aquilo ali, continua e no fim o bom é o de lá. Já fiz o teste do “Atirei o pau no gato”?

Canta tu (*referindo-se a Taís*).

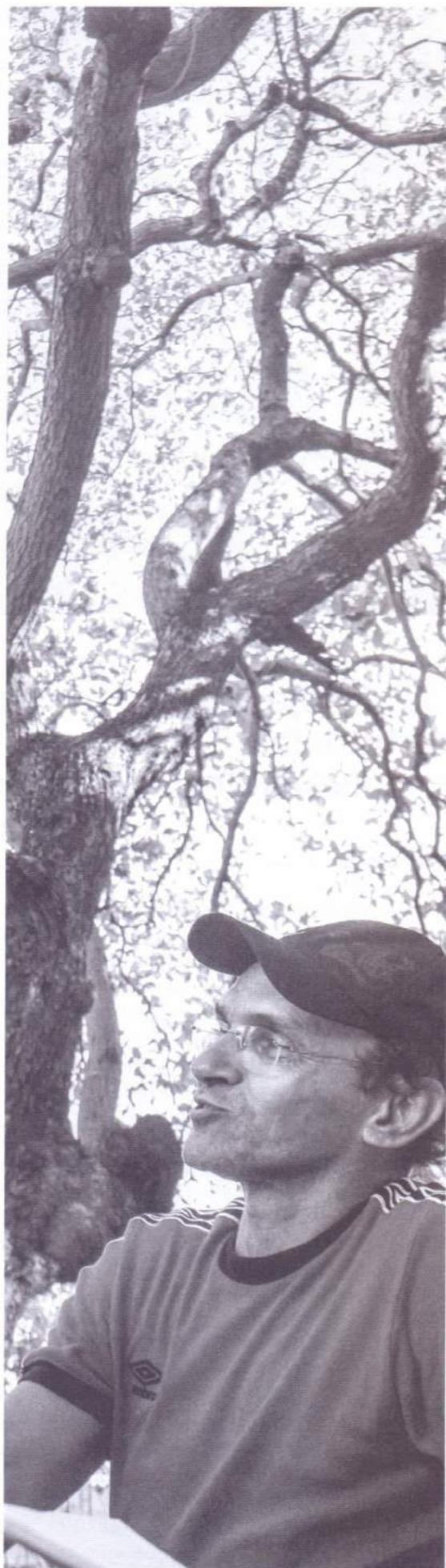
Taís - *Atirei o pau no gato, tô, tô! Mas o gato, tô, tô/ Não morreu, reu, reu/ Dona Chica, ca, ca/ Admirou-se, sê, sê/ Do berrô, do berrô, que o gato deu.*

Reginaldo - Ô, tá vendo, aí? Ela já vacilou! Essa cantiga de roda é nordestina, é aqui do Nordeste mesmo. “Do berrô, do berrô que o gato deu”, gato não berra, quem berra é bezerro! É “do miau que o gato deu”, foi pra lá e eles colocaram “do berrô”, voltou pra cá e todo mundo canta assim. Isso é só um exemplo do que acontece na nossa cultura.

A riqueza daqui, nordestina, nossa mesmo, é a nossa quadrilha. Nossa quadrilha foi pro sul do País, chegou lá a Xuxa (*Meneghel*) jogou na televisão: um monte de gente misturada com Carnaval, feito uns macacos pulando. Os cara viram a Xuxa e começaram a fazer a quadrilha da Xuxa. Passou uma época aqui, no São João, dizendo que eram as quadrilhas da Xuxa, tá entendendo? Influência dos sulistas – é a mesma história do miau, do berrô. Os caras estão fazendo quadrilha como se fosse escola de samba. Se a nossa riqueza é aqui?! Nós temos a nossa riqueza.

Olhe, não é porque eu esteja aqui e vocês estejam me ouvindo falar não. Para comprovar, se vocês quiserem podem ir lá no Pirata (*bar onde a Zé Testinha se apresenta todas as segundas-feiras*), pra vocês verem o que acontece com a gente lá. Lá vão pessoas pra se divertir de todo canto do mundo. Lá vocês vão ver a valorização que eles dão para o que a gente faz. Já no mundo junino é diferente, no mundo da competição: as pessoas vão lá pra te criticar, pra dizer que isso e aquilo, que aquilo ali está errado, não sei o quê... Tentando mudar o meu pensamento. Tentando que a gente fique igual a eles. Cada doido não tem sua mania? A minha loucura é aquela, eu tenho de respeitar a loucura dos outros, entendeu?

Brenda – Reginaldo, a gente sabe que a Zé Testinha tem certa tradição no Ceará, já ganhou vários prêmios. Em algum momento essa questão de manter a regionalidade o atrapalhou?



Não entrou na entrevista, mas Reginaldo passou mais de dez minutos falando da teoria sobre o DNA.

Decupar esta entrevista foi um desafio para as produtoras. Vez por outra Reginaldo interrompia o raciocínio para falar de um de seus cachorros, de outro *causo* que se lembrara... E por aí vai.

A quadrilha Zé Testinha completa, em 2016, 40 anos de existência. Será se vai ter muita comemoração?



“Hoje a gente tem que continuar o nosso trabalho, fazer novos cangaceirinhos, novas paixões desde pequeno, porque isso é que é importante!”

Reginaldo – Em primeiro lugar, quadrilha não é pra ganhar. Quadrilha não se faz pra ganhar. Ganhar é consequência daquele bosta que acha que tem de julgar a cultura popular. Isso eu digo pra você e digo pra qualquer pessoa: pode ser professor de folclore, pode ser *expert* não sei de onde. Manifestação popular a gente não julga – a gente assiste e aplaude ou dá as costas e não vai assistir.

Por que não se julga? Porque não tem critérios pra buscar um julgamento quando eu quero vestir vermelho e você quer vestir azul. Pode morrer de dizer que o vermelho é feio, que o azul é feio: e aí? Eu gosto! É mais ou menos assim que funciona aqui.

Por isso que eu digo que eu vou vacinar as pessoas que vêm pra cá. Porque as pessoas que vêm pra cá pensam assim: “Ah, eu vou ganhar”. “Não, você ganha dançando, certo? Você não ganha competindo.” A valorização está no que você está fazendo. A importância cultural que você está transpassando para as pessoas que estão te vendo. Outra coisa é o tradicional que levou você a vir pra cá.

O que levou você a vir pra cá? Por que você está aqui? Por que você veio pra cá? Você veio porque você viu gente aqui dan-

çando, achou engraçado e veio. Por alguma razão veio pra cá e precisa continuar esse trabalho. O ganhar é consequência. Primeiro você tem de estar feliz: se você não está feliz não adianta você entrar pra ganhar – você não vai ganhar.

Futebol você ganha pelo gol feito, quadrilha não faz gol. E aí? Você está na opinião de quem está lhe assistindo. Tem três pessoas assistindo: uma gosta de vermelho, outra de azul, outra de amarelo. Aí tu entras de roxo. Nenhuma gosta. Que é que vai acontecer? Ninguém vai gostar de mim, eu não vou ganhar. Quer dizer que por isso eu vou deixar de existir, ou mudar pra amarelo pra satisfazer um ou outro?

Em cima disso é que eu faço com que as pessoas que dançam aqui sejam vacinadas: ou ganhando, ou perdendo, nós fomos lá, fomos felizes e saímos fazendo aquilo que a gente ensaiou. Nós não ensaiamos aquilo ali? Não fizemos o que foi feito durante o ensaio? Acabou-se: isso é ganhar! Você estar feliz com todos nós e você gostar. Tem que gostar! Você não fica com alguém se você não gostar, fica? Não fica. E se gostar pode ser o que for: pode ser feio, a turma falar mal

Reginaldo começou a estudar o cangaço no final da década de 1970, ainda durante a ditadura civil-militar de 1964-1985.

e você não está nem aí. Até com pai e mãe você briga por causa do ser amado. Aqui é a mesma coisa.

Eu levantei pra mais de 800 troféus. Eu! Eu levantei! E eu passei a ver que cada vez que eu levantava (*um troféu*) era um inimigo que eu criava. A pessoa me escolhambava sem nem me conhecer. Sem nem me conhecer tem gente que me odeia. É porque ele vive a competição, eu não vivo a competição. Existe um compromisso (*na quadrilha Zé Testinha*): a gente precisa estar igual ou melhor do que no ano que passou.

Eu lembro que uma professora de folclore, a Neusa Sales, num seminário lá falando de quadrilha, ela citou o meu grupo – na época tinha uns três ou quatro anos que eu fazia o cangaceiro – e disse que não tinha nada a ver negócio de cangaço, que quadrilha era xita, não sei o quê. Falou um bocado de coisa lá. Eu não tinha como me defender porque se chegam pra você e dizem “é isso aqui e isso aqui” e você não tá embasado em nada... Você é nada.

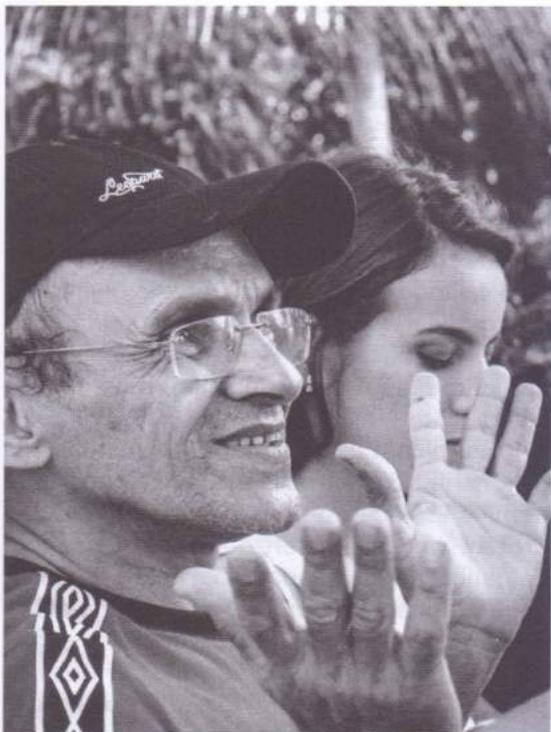
Ali foi como se fosse um tapa na minha cara. Eu disse: “Não, vou dar uma resposta pra essa mulher. Eu fico tão satisfeito dançando de cangaceiro, por que agora eu vou ter de mudar?”. E eu passei a pesquisar, pesquisar, pesquisar. Na época tinha muito poucas publicações de livro de Lampião, hoje não, né? Virou mártir, tem até moda cangaço! Eu comecei a ler um livro de um colega meu e achei o que eu queria: que Virgulino era nordestino, era devoto de Santo Antônio, muito religioso e na época junina – que de tanto

guerrear às vezes ele não sabia a data, mas ele sabia que tinha um fogueira e tinha uma festa – ele não guerreava. Ele era marcador de quadrilha e gostava de tocar acordeão. Então, justificou o que eu queria!

Ela (*a professora Neusa Sales*) me ajudou muito na minha formação quando fez essa colocação. Talvez hoje eu não pudesse nem estar fazendo a quadrilha da forma como a gente está fazendo. Aquilo tudo foi ensinamento, aprendizado. Aprender o por quê, não ser só fazer por fazer. No ano seguinte, eu levei os livros todos (*para o seminário realizado anualmente pela Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, com participação da professora Neusa Sales*) e pedi a palavra, levantei a mão. Ela disse: “Opa, se aproxime aqui” Ela pensava que eu ia elogiar alguma coisa dela. Eu falei: “Ó, ano que passado a senhora disse que a quadrilha Zé Testinha não tinha nada a ver com quadrilha, pois eu queria ler isso aqui, ó” e li pra ela, pra todo mundo ouvir. Ela ficou toda errada. Porque ela, como professora de folclore, folclorista, um patamar danado que ela tem, eu acho que ela jamais deveria fazer isso que ela fez. Eu ainda joguei assim pra ela: “Eu acho que cada um tem o seu cada qual”. Porque eu sempre falo assim mesmo, com as palavras do meu dia a dia, acho que ninguém tem de falar bonito, não.

“Eu não culpo a professora por não saber disso, não. Ela nunca se interessou pelo cangaço! Talvez por causa da ditadura...” Eu só disse isso e saí. Rapaz, eu tenho até gravado isso aí (*risos*). Ela no Carneiro Portela (*radialista e apresentador do programa Nordeste*

Na pré-entrevista, ele nos contou que, inicialmente, o cangaceiro surgiu de uma brincadeira, para economizar dinheiro com as indumentárias da quadrilha.



Em 2015, mais de 70 brincantes participaram da quadrilha Zé Testinha. Segundo Reginaldo, pessoas dos mais distantes bairros de Fortaleza vão toda semana para a Vila União ensaiar para fazer bonito nas apresentações.

Na temporada junina, toda a família Rogério se mobiliza na organização dos preparativos para as apresentações.

“Hoje a gente tem um controle, amanhã não tem: nós não vamos deixar cair, vamos tocar o barco. E assim sempre foi feito, não é? Eu acho que arrependimento a gente não deve ter não.”

Caboclo, na TV Diário) mandou uma mensagem. “Neusa Sales parabeniza a quadrilha Zé Testinha”. Eu sei por que ela disse isso, né? (risos)

Rapaz, a pior coisa do mundo que você pode fazer é tecer uma crítica a uma pessoa. Se você não tem uma crítica positiva pra fazer dela, não faça. Ou chegue pra ela em particular e fale. Mas em público não diga, não!

Rosiane – Seu Reginaldo, além do cangaço, quais são as outras inspirações pra compor as vestimentas, as danças da Zé Testinha?

Reginaldo – Eu não fui atrás de ninguém pra me dizer como é isso, como é aquilo. Eu tenho que vivenciar a época. Eu vivenciei a época? Não. Mas você vê que tem alguns contos, estudos, livros. Eu vou atrás disso. Eu não vou atrás do que a fulana disse. A gente tem de ir buscar nossa formação em cima de pesquisa. Não é de hoje em dia, não, são aquelas coisas antigas mesmo.

A gente não pode deixar de ter um balançê (*passo típico da quadrilha*), entendeu? É a graça da quadrilha! Você pode ter a idade que tiver, pode ser de um ano até 60 anos: se você botar o cotovelo aqui e rodar na pessoa ela acha graça. Já prestou atenção? É impressionante! E isso faz parte da quadrilha, mas não tem mais. Até os grupos folclóricos, pra você ter ideia, passaram a ser parafolclórico, pra não ter compromisso com a tradição. No maneiro pau (*dança tradicional nordestina*), as danças já não são mais as originais: já enlataram, já fizeram tanta coisa... Para poder evoluir.

Ainda existem alguns grupos que são fiéis, mas aqui no Ceará eu acho não existe nenhum. Então, em cima disso é que a gente tenta fazer os passos da quadrilha: no que a gente entende por quadrilha. O que a gente percebe é que as quadrilhas não estão mais preocupadas com isso; estão preocupadas com a competição.

Erick – Reginaldo, você tem destacado bastante a questão da importância cultural da

quadrilha, das tradições, a busca pelo embasamento histórico, a pesquisa das nossas origens. O quão prejudicial você acha que é, para essas gerações mais jovens, essa descaracterização das bases da nossa cultura popular?

Reginaldo – Quando falam da Zé Testinha, poucas pessoas entendem a Zé Testinha. A Zé Testinha faz o cangaço como uma forma de combater o modernismo, o falso brilho. A gente entra de cangaceiro, depois faz uma poesia explicando o que queremos mostrar para as pessoas. A gente tira todos os apetrechos e passa a ser brincante de quadrilha. Na realidade, a gente é uma quadrilha!

Nossa maior preocupação é que a gente não passe a ser um grupo folclórico. Porque se eu danço o tempo todo de cangaceiro, eu não posso ser caracterizado como uma quadrilha: porque quadrilha é xadrez. Isso aqui pra efeito de formação: às vezes o pessoal diz: “Ah, São João é xitão” (*tecido florido e colorido comumente utilizado em roupas e festas juninas*). Isso já é influência de quem promove evento, já vem do capitalismo, entendeu? Usa-se o xitão nas festas porque é um tecido de baixa aquisição, mas enquanto não é lavado é bonito. Aí passaram a caracterizar o São João como xitão, mas não é. São João é o colorido, mas não obrigatoriamente o xitão.

Olhe, eu duvido que um homem, nos anos 30, por aí, colocasse uma camisa colorida no corpo, ou de cor berrante. Imagine antes! Isso já é uma descaracterização: porque quando você vê um quadrilha toda florida... Aí dizem: “Eu sou tradição”. É não. A tradição do homem é uma camisa de uma cor só ou xadrez, aí tudo bem, mas botar uma camisa florida e dizer que é tradicional...

De que tradição você está falando? Porque tudo aquilo que se repete por dez anos e causa ociosidade nas pessoas é uma tradição. É complicado explicar isso. Tem de saber de qual tradição nós estamos falando. Quando se fala dos passos tradicionais: existem os passos tradicionais, mas de que época você está falando? Porque existe a evolução. O que eu falei aqui, do balançê, eu ainda acho que é um passo que vem dos primórdios, das primeiras danças de salão, mas o resto é evolução.

Se um cara está falando de quadrilha tradicional e de uma hora pra outra pega uma menina, coloca aqui no pescoço e levanta, pronto. Já descaracterizou. Isso é outro tipo de dança, não é de quadrilha! Quando a gente se preocupa em manter a quadrilha como quadrilha, você tem de ter a responsabilidade de não levar uma informação errônea para as pessoas, né? Nossa preocupação

Reginaldo possui dois cômodos da casa somente com troféus de prêmios já adquiridos pela Zé Testinha em festivais. Segundo ele, são mais de 800.

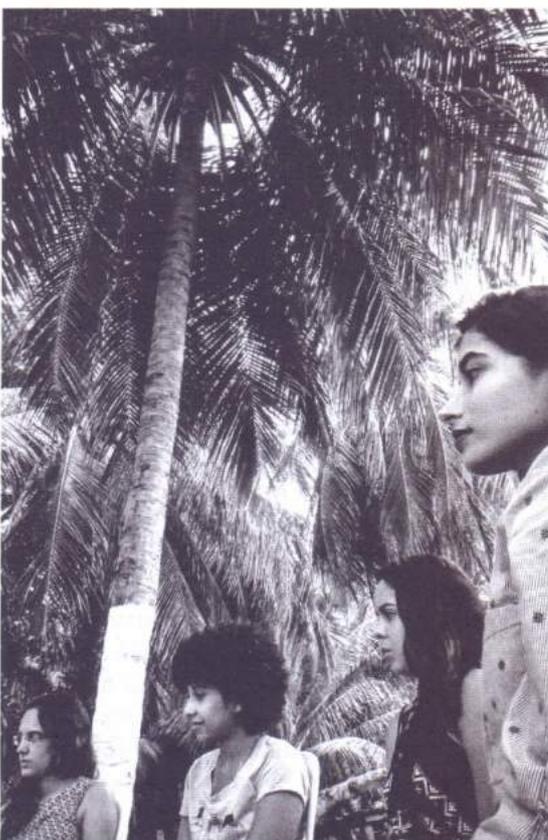
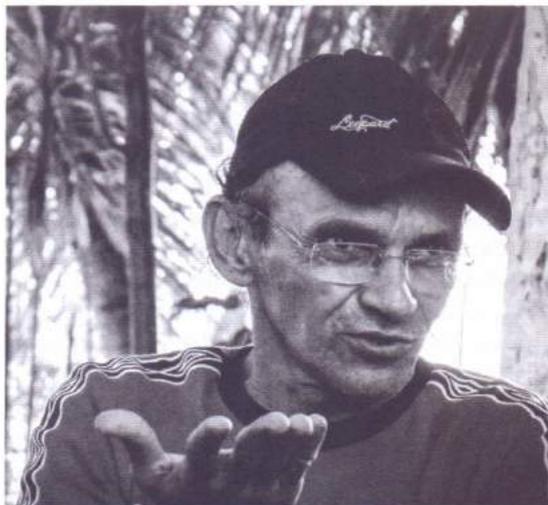
está nisto: em quem está assistindo. Você vê um velhinho assistindo quadrilha, você tá é por fora de como ele fica feliz de ver a gente! Porque ele ainda lembra de alguma coisa que acontecia na época dele. Quando alguém chega pra mim e diz: "Rapaz, vocês são a mesma coisa", não sabe o elogio que está me fazendo. Porque eu consegui evoluir e você ainda pensa que eu sou a mesma coisa. Existe uma evolução, na Zé Testinha, mas sem perder as características: isso é que é importante, que é o mais difícil. É muito fácil fazer uma quadrilha estilizada. Você pega um tema, joga em cima, ano que vem pega outro tema... Aí é muito bom! Mas vai fazer todo ano o mesmo tema!

Mylena – O senhor acha que há ações do poder público para preservar a tradição, dar importância pra quadrilha, para o São João?

Reginaldo – É o seguinte: quando se fala de política é o lado sujo, acho que do mundo todo, não é só aqui não. Politicamente, no Brasil, eu vejo que a cultura – a cultura do povo, do costume de cada um – é achar que cultura, quadrilha, é um negócio à parte, o que sobra do dinheiro. Às vezes, têm boas iniciativa: o Estado do Ceará é o único que tem um edital só pra cultura, isso já é uma luta da gente. Mas é pesado. Já teve professor de folclore que foi tirado de cima do palco porque deu nota pra quadrilhas que não ficaram satisfeitas. Houve um embate muito grande.

O professor Pinheiro (*professor Francisco José Pinheiro, Secretário de Cultura do Estado do Ceará em 2011*), que foi secretário de cultura, tentou bater de frente e foi uma confusão grande. Quando ele disse que as quadrilhas estavam iguais a Carnaval... Você tá é por fora a crítica que foi feita a ele. Na época, ele fez declaração em jornal, teve gente que saiu com publicações criticando ele, falando mal dele. Tem muita quadrilha que fala mal dele: porque ele falou o que ele acha.

Mas na matéria de incentivo financeiro já se melhorou muito. A Prefeitura de Fortaleza não faz mais (*a mostra de quadrilhas*) em caráter competitivo. Faça a quadrilha e acabou-se. Ela não diz nem A, nem B, nem C, só quer que você participe e leva as quadrilhas para os Cucas (*Centros Urbanos de Cultura, Arte, Esporte e Ciência*), da Prefeitura. Já o Estado não: o Estado continua fazendo esse negócio de competição. Porque eu acho que a competição, para muitos, é válida porque junta muita gente e coisa e tal, mas para as tradições – para as festas não, que as festas vão existir. Quer com quadrilha estilizada, quer com quadrilha tradicional, ela vai acontecer –, mas para as tradições dentro das quadrilhas... A competição faz com que elas não aconteçam.



Além da quadrilha formada por adultos, a Zé Testinha também faz apresentações com a quadrilha infantil.

Entre os prêmios, o de Campeã do Festival Cearense, por várias edições, o troféu São João, concedido pela Federação de Quadrilhas Juninas do Estado do Ceará, o título de Melhor Quadrilha do Nordeste "Festival da Rede Globo" e a Caveira de Ouro, concedida pelo Pirata Bar.

Todas as segundas-feiras, a Quadrilha Zé Testinha realiza apresentações - em menor escala - no Pirata Bar, famoso bar localizado na Praia de Iracema.

Vai estar sempre aberto para o novo: alguém vai trazer o novo, vai ganhar e acabou-se, ano que vem o cara já vai fazer também. Como na própria evolução das rainhas: hoje a rainha sobe naquele guindaste das filmagem (*gruas*) - não se vocês já viram por aí -, dá um mortal e o povo segura aqui embaixo, outras dançam em cima das mesas, outras botam uma escada e aprende a dançar... Daqui uns dias vai ter é um helicóptero e a rainha vai descer do helicóptero. É a evolução dos tempos. Pegaram a rainha e já evoluíram tanto com a rainha que hoje se fala em rainha de Corte, mas não é rainha de Corte - a nossa rainha é nordestina. É a rainha do partido vermelho, do partido azul. É só olhar nossa história, que é rica. Foi pro sul do país e disseram que era rainha da Corte: aí lá vem a rainha com todos os aparatos de Corte. E não é nada disso! A rainha é nordestina do partido vermelho, que vem das quermeces, entendeu?

Então, na realidade, existe um interesse do Estado em manter as tradições, mas não existe um interesse forte para bater de frente e manter as quadrilhas tradicionais. É meio complicado pra se falar, mas quem vive o mundo junino sabe.

Daniel - Reginaldo, o senhor falou da tradição e tal... Ao que o senhor acha que se deve a longevidade da Zé Testinha? E por que essa dedicação tão grande do senhor a ponto de vender um carro pela quadrilha?

Reginaldo - A questão da Zé Testinha é engraçada. Eu não inventei a Zé Testinha, eu apenas a expus para as pessoas. Eu não inventei. "Ah, o Reginaldo inventou aquele passo", não. Eu vi um velho dançando, achei interessante - rapaz, o velho dançando lá, tu precisavas ver a roda de gente em volta do velho dançando - e disse: "Eu vou colocar isso na minha quadrilha!" E coloquei.

Isso é uma das coisas que fazem com que todo ano as pessoas gostem de ver a Zé Testinha. A outra é a identidade. A identidade você sempre vai ver. Você adora ver seu pai - porque nele você busca a sua identidade, você sabia disso? Então é a mesma coisa! A Zé Testinha é identidade das pessoas do sertão! É a identidade no casamento, não tem pornografia, não tem gesto obsceno. É totalmente cultural. E em cima disso é que a gente tem a preocupação: de não ser a mesmice e não está inventando.

E o fato de gostar, rapaz, eu vou dizer uma coisa pra você: quando você acredita na alimentação da aura - isso você ainda vai acreditar um dia, você ainda vai ver um dia -, quando você acreditar que a alimentação sua não é o dinheiro, é a felicidade, não tem dinheiro no mundo que faça com que você

não seja feliz. Porque você vai buscar (*a felicidade*).

Isso não é só eu não, são várias pessoas que estão aqui. Você vê como a pessoa fica satisfeita fazendo aquilo ali (*brincando de quadrilha*). É a alimentação da aura. Quando se fala assim se está falando do outro nível de pensamento, de explicação da vida, certo? Mas é mais ou menos por aí: alimenta um negócio no teu ser que é incrível - você só fica satisfeito quando você está ali. Cara, não tem coisa melhor do que você ver - isso para mim - a quadrilha montada, entrando em um ônibus para chegar em um arraial. É interessante, é incrível. Você só sossega de noite, quando chega em casa, e vai dormir morto de feliz.

É um negócio que não tem como explicar: não tem uma fórmula para o que você gosta. A única coisa que eu posso dizer para vocês é quando vocês se apaixonarem por alguém ou por alguma coisa: aí vocês vão ver.

Eu fui agora com o meu chefe (*do Pinheiro Supermercado*) comprar uns LP's antigos, vinis. Ele comprou mais ou menos 300 reais de vinil. Se tu ver os LP's, macho... Não sei como é que alguém compra uma coisa dessas. É o gostar! Ele ganhou uma radiola de presente - olha aí, ele tá retrocedendo no tempo, né? Pode ir na Internet e baixar tudinho e botar em um *pen-drive*, ou coisa parecida, mas não... - e vai limpar os discos tudinho, botar a agulha, ouvir ali, mesmo com aquele chiado ou coisa parecida.

A questão, na realidade, é a vocação. É o gostar e fazer com que a coisa aconteça, porque você se realiza!

Erick - Você destacou, até na produção da entrevista com as meninas, a dedicação da quadrilha. Houve algum momento em que essa dedicação tão forte à quadrilha gerou algum arrependimento?

Reginaldo - Rapaz, nem tudo são flores! Você tem de tirar o melhor de tudo, o que não foi não adianta falar nem retratar. Eu disse um dia que eu ia aprender a ganhar dinheiro com quadrilha para eu não tirar dinheiro do meu bolso. Meu pai tá ali sentado, ó, o velho ali... Aquele ali foi um dos mentores que, às vezes, tirava o *dicomer* pra gente sair com a quadrilha. Quantas vezes ele já não disse: "Meu filho, saia desse emprego aí que esse emprego não presta, não. Vá tomar de conta da quadrilha, que eu seguro o resto aqui com você".

Existe muita coisa que foi feita. Hoje as pessoas chegam aqui pra dançar, tá ali a roupinha, não gasta com nada, só vem pra brincar, mas antes de vir para cá - é tanto que eu coloco para eles aqui - pessoas passaram por aqui, ralaram, pessoas trocaram seus dias a dias. E o pior de tudo é que isso não é nem

Reginaldo já vendeu dois carros para arrecadar dinheiro para a Zé Testinha.

a metade do que a gente vai fazer pra existir. Hoje a gente tem um controle, amanhã não tem: nós não vamos deixar cair, vamos tocar o barco. E assim sempre foi feito, não é? Eu acho que arrependimento a gente não deve ter não.

Um caso que aconteceu comigo – talvez eu possa até dizer que foi a melhor coisa que aconteceu comigo – é que eu estava prestes a me casar, no segundo casamento, e a pessoa disse: “Não, não dá certo, não, tu com esse negócio de quadrilha... Ou eu ou a quadrilha”. Aí eu disse: “Rapaz, então pronto. Você nunca devia ter dito isso. Eu vou ficar com a quadrilha”. (Ela) Me conheceu assim e de uma hora pra outra... É igual a história do *bebo*: a mulher casa com o *bebo* e diz: “Ele vai parar de beber”. Não vai parar nunca. Você conheceu ele bebendo. É a mesma coisa da quadrilha! Você me conheceu fazendo quadrilha. É por isso que a gente não deve se modificar pra ninguém. Você se modifica enquanto você se lembra, depois você volta a ser o que você é. A gente não deve se arrepender. A gente tem de tirar o melhor proveito. Isso aconteceu porque tinha de acontecer dessa forma.

Não existe isso de: “Ah, você se arrepende do que fez?” Não. É porque tem de acontecer. E a mesma coisa é na vida. Se não deu certo, não lamento, não, bola pra frente e esquece o que foi ruim. Aqui a gente é acostumado a fazer isso. Um irmão polícia o outro. “Não deu certo? Então, não vamos falar mais disso, não!” Tem muita coisa que a gente tomou decisão errada, mas era o de tinha de acontecer. Às vezes, eu me arrependo é de não ter feito. Aí sim!

Frida – Reginaldo, pra concluir, o que é ser quadrilheiro, pra você, e o que é que o faz, mesmo 40 anos depois de ter começado a dançar quadrilha, ser apaixonado pela quadrilha?

Reginaldo – Quando eu falo que a pessoa é quadrilheira, tem de ser quadrilheira porque está vocacionada a isso. Existe o quadrilheiro – que está vocacionado a brincar quadrilha – e existe aquele que gosta de competição de quadrilha. É diferente, o brincante e o que gosta de competir. Se tirar a competição, ele deixa de ser brincante e deixa de fazer o que gosta, porque na realidade ele gosta de competir, não de brincar. Porque, se ele gostasse de brincar, ele não entrava na competição e não muda de quadrilha.

Tem muita gente que vai naquela que tá ganhando. Porque ele acha que o bom é ganhar. Aqui não! Aqui cada um é ser vacinado a ser brincante. Estar ali e ter a responsabilidade de manter, na incumbência de fazer igual ou melhor (a quem já passou).

E o gostar de quadrilha é como se fosse um filho: você criou o filho. Você educou e a cada dia que passa esse filho vai crescendo. Em cima disso é toda a responsabilidade de fazer a coisa andar. Porque as pessoas dizem assim: “Quando o Reginaldo morrer, será que ainda vai ter quadrilha?” A questão de educar, cada qual a um propósito, é onde vai surgir uma pessoa. Então, naquele meio ali (da quadrilha), de tanto falar, aquela pessoa vai se manifestar, tá entendendo? Porque não foi imposto a mim. Não foi assim: “Tu vai ser”. Eu que disse: “Eu vou ser marcador”.

Cada ano que passa, quadrilha pra mim é uma brincadeira. Uma brincadeira muito alegre, eu faço amigos – tá aqui, ó (aponta para os entrevistadores), não tô nem dançando quadrilha, mas tô fazendo um monte de amigos –, na quadrilha – tu é doida! – precisa ver a quantidade de amigo que a gente faz com quadrilha! Isso aqui é uma máquina de fazer amigos! Quando eu levantava um troféu, que eu via que tava fazendo um inimigo... Eu tô em uma fase, do videogame, em que eu tô bem pertinho de matar o chefão. Eu vejo os caras dizendo: “Ah, eu quero ganhar não sei o quê”. Mas a ideologia não é essa, porque, quando você ganha, você se acaba. Se vocês forem fazer uma pesquisa sobre o histórico das quadrilhas de Fortaleza, as que ganharam, todas elas não existem mais. Porque continuaram na ideologia de que tem de ganhar, tem de ganhar, tem de ganhar. Não é nossa praia.

Hoje a gente tem de continuar o nosso trabalho, fazer novos cangaceirinhos, novas paixões desde pequeno, porque isso é que é importante! Eu acho que a gente precisa ter uma quadrilha juvenil, para acompanhar, porque eles saem da (quadrilha) infantil e não podem dançar na (quadrilha) adulta por causa do intervalo de idade. Porque o cara vê na televisão aquele negócio do tênis, que eu tava falando, e no fim não tem, o traficante diz assim: “Ei, macho, toma aí que te dou o tênis” e ele começa a ser aviãozinho (gíria para caracterizar a pessoa que distribui a droga), vê que é fácil... É fácil pegar uma criança dessas, tá tudo aí. E os caras (traficantes) fazem isso desde pequeno. Entrar é fácil, difícil é sair. É mais ou menos por aí. (risos). Se deixar vai até 20 horas. Você tá é por fora, tem muita história aqui! (Todos riem).

Na época em que a entrevista foi realizada (dezembro de 2015) a quadra onde acontecem os ensaios da Zé Testinha ainda estava em construção. O equipamento é um sonho antigo de Reginaldo.

Quando a equipe de produção entrou em contato pela primeira vez com Reginaldo e explicou a proposta da entrevista, ele não titubeou e disse: “Bora, vai ser uma comédia!”